

O BOM PROFESSOR UNIVERSITÁRIO DO SÉCULO XXI E SUA PRÁTICA

Márcia Regina Gonçalves Cardoso¹

RESUMO:

O presente texto relata algumas análises e reflexões decorrentes de uma pesquisa que buscou investigar quais são, na atualidade, as características do bom professor que atua no Ensino Superior. Esse estudo buscou dar respostas a questões prioritárias, entre elas compreender as ideias de um bom docente no Ensino Superior e o que distingue esse profissional dos demais, a partir de vários pontos de vista. De modo específico, buscou também identificar as características pessoais e profissionais que faz dele um bom professor. Para responder a estas questões e alcançar os objetivos propostos foi realizada uma pesquisa qualitativa, do tipo teórico-bibliográfico. Os resultados da pesquisa indicam que o conhecimento didático, o domínio do conteúdo e as relações interpessoais são fundamentais para a adequada ação docente. Características como bom humor, respeito e empatia em relação aos alunos, gostar do que faz, ter bom domínio do conteúdo que leciona, procurar inovar as aulas.

PALAVRAS-CHAVE: Professor; Universitário; Características.

ABSTRACT:

The current text reports some analyzes and reflections resulting from a research that investigated what are, nowadays, the good teacher characteristics that operates in Higher Education. This study sought to respond to priority issues, including understanding the ideations of good teaching in higher education and what distinguishes this business from others, from various points of view. On specific way, also sought to identify the personal and professional characteristics that makes him a good teacher. To answer these questions and achieve the proposed objectives a qualitative survey was conducted in theoretical and bibliographic model. Characteristics such good humor, respect and empathy for students, like what you do, have good understanding of the content that teaches, look for innovate classes.

KEYWORDS: Professor; University; Characteristics.

INTRODUÇÃO:

O presente artigo trata dos resultados de uma pesquisa sobre as características e qualidades de um bom professor universitário. Essa pesquisa foi norteada pela busca de resposta da seguinte indagação:

1- Mestra em Educação. Fundação Carmelitana Mário Palmério – FUCAMP.
mgcardoso2010@bol.com.br

Quais são, na atualidade, as características do bom professor que atua no Ensino Superior?

Diante desta questão, pretendeu-se com o estudo realizado compreender as ideias de um bom docente no Ensino Superior e o que distingue esse profissional dos demais, a partir de vários pontos de vista. Além disso, também buscou-se de forma específica, identificar as características pessoais e profissionais que faz dele um bom professor.

O presente estudo não tinha a intenção de formular uma definição acabada dos atributos de um bom professor universitário. Por ser um conceito socialmente construído e valorativo, é complexa a definição do que seria o bom professor. A cada ponto de vista, um modo distinto de valoração. No máximo, é possível ter aproximações do que representaria essa definição.

O estudo das características do bom professor universitário na atualidade se justifica pelo fato de que a Educação não evoluiu com professores mal preparados. Bons professores são peças-chave na mudança educacional. Ainda que professem as maravilhas que as novas Tecnologias da Informação e da Comunicação¹ podem fazer pela Educação, o elemento humano ainda é o fator mais importante na relação educacional. Por isso, é objetivo do presente estudo tentar capturar a essência do que seria o bom professor do Ensino Superior, a partir de estudos realizados com alunos e professores reais. Não se propõe discutir as características de um professor idealizado, mesmo que em algum momento se utilize desse conceito para efeito de comparação e estudo.

Para responder adequadamente ao problema da pesquisa e alcançar os objetivos pretendidos foi desenvolvido um estudo teórico-bibliográfico, de natureza qualitativa. Entendida a pesquisa bibliográfica como um tipo de investigação científica que busca, a partir do estudo planejado de obras escritas que tratam da mesma temática, dentre as quais, artigos, livros, dissertações e teses, preferencialmente aquelas que foram publicadas

¹ Chamamos Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) aos procedimentos, métodos e equipamentos para processar informação e comunicar que surgiram no contexto da Revolução Informática, Revolução Telemática ou Terceira Revolução Industrial, desenvolvidos gradualmente desde a segunda metade da década de 1970 e, principalmente, nos anos 90 do mesmo século. Estas tecnologias agilizaram e tornaram menos palpável o conteúdo da comunicação, por meio da digitalização e da comunicação em redes para a captação, transmissão e distribuição das informações, que podem assumir a forma de texto, imagem estática, vídeo ou som. Considera-se que o advento destas novas tecnologias e a forma como foram utilizadas por governos, empresas, indivíduos e sectores sociais possibilitaram o surgimento da Sociedade da Informação (RAMOS, 2008).

recentemente, dar respostas a indagações que são consideradas importantes para determinada área do conhecimento.

A pesquisa bibliográfica colabora efetivamente para a ampliação de saberes, sejam eles de natureza teórica ou prática, uma vez que possibilita a sistematização de conhecimentos que outros pesquisadores, por meio de suas investigações, conseguiram analisar, organizar e disponibilizar para que outros interessados tenham acesso e deles façam uso.

A pesquisa bibliográfica realizada se baseou, dentre outros, nos estudos de estudos de Azevedo, Freire e Machado (2013); Bartnik e Machado (2008); Cunha (1995); Pimentel (1996); Schwartz e Bittencourt (2012); Ventura *et al.*(2011).

O PENSAR E O FAZER DO BOM PROFESSOR UNIVERSITÁRIO

A ideia de um fazer docente independente e autônomo é tão irreal quanto a ideia de que as instituições educacionais são neutras. Quando o professor fecha atrás de si a porta que o separa do restante da instituição de ensino, ele não deixa lá fora as suas ideações e convicções políticas, religiosas, culturais e econômicas. O professor é uno e transpõe para a sua prática docente aquilo que ele é como pessoa. Suas palavras e ações não são neutras. Ao contrário, são carregadas de sentidos e significados dados por sua interpretação.

Ao mesmo tempo, sua atuação profissional é, em grande parte, definida pelas limitações e imposições das relações de trabalho. Um dos condicionantes mais impactantes na docência universitária é a instituição na qual o professor exerce sua atividade. A atuação docente está diretamente relacionada à instituição em que trabalha e à cultura institucional (SACRISTÁN, 2014; ZABALZA, 2004).

Outros fatores importantes quando se trata de critérios de valoração da profissionalidade docente é o tempo, a cultura e a sociedade de onde parte tal análise de valores. “[...] a importância do papel do professor varia em função dos valores e interesses que caracterizam a sociedade em determinada época” (CUNHA, 1995, 28).

De acordo com essa lógica, o conceito de bom professor está vinculado a um tempo e a um lugar e representa a ideia que socialmente é construída sobre o professor. “Os conceitos sobre o que constitui um ‘bom professor’ variam ao longo do tempo, de cultura para cultura e até mesmo dentro de uma determinada cultura” (CONNELL, 2010, p.166).

Se o conceito de bom professor está vinculado a um tempo histórico e a uma determinada sociedade, em qual contexto o conceito de bom professor está sendo pensado? Está-se falando do bom professor do século XXI, da sociedade globalizada pelo capitalismo e pelas novas Tecnologias da Informação e da Comunicação, em especial a Internet.

Dependendo da época e do contexto social, as características que definem o bom professor apresentam variações. Podem variar, inclusive, dentro de um mesmo contexto histórico-social. O conceito de bom professor não apresenta um conjunto fixo de atributos ao longo do tempo e dos contextos sociais. Como o próprio ambiente educacional, também sofre pressões externas variando em função do que se espera do professor.

Dessa forma, as características esperadas de um bom professor, quando pensamos em uma instituição nos moldes tradicionais, poderiam estar relacionadas ao processo de ensino, à figura do mestre, ao seu saber, ou ainda à autoridade deste em relação aos alunos. “No entanto, nas instituições que se dizem mais próximas às vertentes mais contemporâneas em Educação, talvez estes atributos circulem mais na direção da centralidade do aluno” e nos processos de aprendizagem, o que exige uma relação interpessoal mais próxima entre professores e alunos (SCHWARTZ, BITTENCOURT, 2012, p. 7).

Sendo um conceito valorativo, feito por sujeitos socialmente situados, não encontra uma única definição ao longo da História nem mesmo dentro de uma mesma sociedade. A ideia do bom professor, na visão de alunos, pode não coincidir nem mesmo com a opinião de seus pais ou de outros alunos da mesma idade, localizados em outra cultura.

CARACTERÍSTICAS PESSOAIS E PROFISSIONAIS DO BOM PROFESSOR NO ENSINO SUPERIOR

Na perspectiva de Cunha (1995) e de Schwartz e Bittencourt (2012), as ideias dos alunos do que seja um bom professor, hoje, passa, sem dúvida, pela capacidade que ele tem de colocar-se no lugar do outro, de saber ouvir, de mostrar-se próximo do aluno.

Mesmo na impossibilidade de formulação de um modelo acabado do que seria um padrão de bom professor na percepção de alunos historicamente situados, uma coisa é certa: “para os alunos atuais, o BOM PROFESSOR é aquele que domina o conteúdo,

escolhe formas adequadas de apresentar a matéria e tem bom relacionamento com o grupo” (CUNHA, 1995, p. 72).

Por todas as razões explicadas, “há que se reconhecer a complexidade de traduzir o ‘Bom Professor’ em um conceito acabado” (VENTURA *et al.*, 2011, p. 101). No máximo, é possível haver aproximações sucessivas do que seria esse conceito, baseado na recorrência de características da prática docente avaliadas positivamente nos tempos atuais.

Em uma perspectiva diferente, o estudo de Pimentel (1996) localiza os bons professores a partir de suas posições filosóficas, conceituais e epistemológicas. Declara que um padrão de bom professor não se vincula somente a práticas de ensino ditas emergentes, como se imagina. Bons professores podem ser localizados tanto em paradigmas tradicionais, quanto em paradigmas emergentes. Os alunos avaliam como bons professores aqueles comprometidos com o ensino, independente de questões paradigmáticas.

Quando se fala em paradigmas tradicionais e em paradigmas emergentes, não se trata de um estudo histórico temporal das características do bom professor. O estudo é no tempo presente, com paradigmas distintos coexistindo em uma mesma sociedade. Nessa concepção, bons professores são destacados entre os demais por procedimentos e atitudes que apresentam em seu fazer docente, não se vinculando a paradigmas definidores de sua prática.

No estudo de Pimentel (1996), de modo geral, todos os professores apontados como bons docentes apresentam o domínio do conhecimento amplo, profundo e atualizado da disciplina que ensinam, bem como das ciências correlatas. Todos apresentam também o domínio de habilidades didáticas, correspondentes às suas posições filosóficas e epistemológicas, diferentes em qualidade e quantidade, mas sempre presentes.

Pimentel (1996) avalia que, entre os bons professores, encontrou representantes do que chama de paradigma moderno dominante e paradigma emergente pós-moderno, bem como representantes posicionados no que seria a transição entre eles. Esses últimos apresentam em sua prática ideias e atitudes que oscilam entre um e outro paradigma, lembrando que paradigma refere-se resumidamente a visão coletiva de mundo ou padrões de comportamentos, crenças e valores socialmente partilhados.

Entre os professores representativos do paradigma emergente pós-moderno, Pimentel (1996) percebe características e habilidades relacionadas à atualização

profissional, com excelente produção acadêmica. São docentes que valorizam o saber acumulado da humanidade na construção do conhecimento, mas não trabalham com esse conhecimento isoladamente. Sempre articulam o conhecimento em construção com a pesquisa atual e as práticas do trabalho.

O autor relaciona que os professores que seguem um paradigma emergente pós-moderno são conscientemente esclarecidos sobre a produção do conhecimento, ciência e o conceito de ensino pelos quais pautam seu fazer, que não é independente do seu viver. Têm uma prática docente consciente, ligada à sua trajetória de vida, intencionalmente refletida.

Os bons professores que ensinam na coexistência de paradigmas, assim como a própria universidade, vivem a ambiguidade e a complexidade do tempo presente, em que coexistem, na mesma instituição e até no mesmo professor, enfoques antagônicos de conceituação de ciência e ensino, derivados de posições epistemológicas também diferentes.

Como profissionais (médicos, engenheiros) “sua metodologia traduz posições epistemológicas emergentes próprias do paradigma científico pós-moderno.” Como professores, demonstram representações tradicionais do que seja um bom professor, com base na reprodução irrefletida de modelos, que tanto pode ser de ex-professores, como de colegas. A concepção que rege o conhecimento “é a que se pauta pelo paradigma científico moderno, regido pelo positivismo, em que o conhecimento é algo a ser transmitido, pronto” (PIMENTEL, 1996, p.59).

Não fazem uma análise consciente de como ensinam, relacionando esse conceito de ensino com os de conhecimento e ciência que adotam. Não têm uma prática refletida, “É uma rotina imitada, conservadora e tradicionalista” (PIMENTEL, 1996, p.87).

Pimentel (1996, p. 63) infere que os bons professores que ensinam nos moldes do que chama de paradigma dominante, “adotam o conceito de conhecimento como um todo construído e organizado”, assimilável se dividido em parcelas menores, que se constituem pré-requisitos para alcançar um saber mais elevado. O conhecimento é hierarquizado para ser mais bem compreendido.

Os bons professores que ensinam de acordo com posições epistemológicas que se enquadram no paradigma moderno dominante são extremamente comprometidos na preparação do plano de curso e das aulas. São organizados e procuram estabelecer relações entre o conteúdo teórico dos livros e as aulas práticas. Orientam a aprendizagem e

encaminham para que o próprio aluno possa chegar às suas conclusões, sem concluir por eles, destaca o autor.

Dominam o conteúdo que ensinam e relacionam-no com outras ciências correlatas. Sobre eles gira toda a construção da aula. Ensinam demonstrando, realizando exercícios e provocando a participação dos alunos com perguntas oportunas. Procuram introduzir variações nos exercícios, incentivando os alunos a refletir junto com eles o caminho da formação de conceitos que desenvolvem com clareza. Referenciam resultados de suas pesquisas e de outros cientistas. Seu bom humor faz a aula “mais leve”, conclui Pimentel (1996).

O senso de humor é apontado também por Cunha (1995) como aspecto fundamental para prática do bom professor, já que se utiliza dele para tornar suas aulas mais agradáveis e menos maçantes ou pesadas.

A relação interpessoal mais próxima permite que o professor faça uso em sua prática docente de atitudes que visem a “quebrar o gelo” ou deixar o clima das aulas mais ameno. Professores mais distantes e “frios” certamente não usam de bom humor em sua relação, pois isso tornaria afetiva a relação com os alunos.

As constantes inovações tecnológicas, a globalização da economia e as recentes descobertas científicas apontam para um perfil profissional docente cada vez mais complexo. Ser um bom professor, no contexto atual, pressupõe o domínio de novos saberes e competências e o reforço das já consolidadas.

No entanto, os saberes relacionados a utilização das TIC's na prática da sala de aula não se sobrepõem aos outros saberes, na constituição de um bom professor. São saberes necessários, mas não mais importantes que os demais.

Conforme Ventura *et al.* (2011), a sociedade do século XXI exige do professor competências que evidenciem domínio dos conteúdos, da gestão do seu currículo e inovação na prática docente. Implica, ainda, a capacidade de admitir modos de pensar e de agir diferentes dos seus, de cativar, motivar, de desenvolver uma relação de empatia com os estudantes, ser disponível e tolerante.

Sobre as expectativas do que seria um bom professor na visão de alunos e docentes haveria coincidências ou conceituações díspares? E entre alunos de cursos diferentes?

Em um estudo das características pessoais e profissionais do bom professor a partir do ponto de vista dos acadêmicos e dos docentes, Schwartz, Bittencourt (2012, p. 12)

observam que “tanto os professores em formação quanto os professores em ação se assemelham em suas expectativas de como deve ser o professor ideal”.

Entretanto, segundo o estudo de Ventura *et al.* (2011), os estudantes têm valorizações diferentes, consoante o curso que frequentam. Apesar de concordantes no global, os alunos da Graduação, comparados com os da Pós-Graduação, atribuem valores diferentes aos indicadores de um bom professor. A depender do curso, os alunos podem valorizar mais os aspectos técnico-instrumentais do que os saberes teóricos.

Na opinião de professores de cursos de licenciaturas (formadores de professores) sobre as características de um bom professor, “o conhecimento da realidade do estudante, da clareza de concepções teóricas, do respeito ao aluno, da constante produção científica, da importância da transposição didática, da flexibilidade e da disponibilidade,” são os atributos destacados, declaram Schwartz e Bittencourt (2012).

Esses professores percebem que o conhecimento técnico não é suficiente para o bom desempenho de sua profissão. Precisam também ter atitudes de respeito e de empatia com os alunos, de compartilhamento e “de reconhecimento da própria incompletude, de abertura à crítica e à revisão de suas ações e conceitos, de coerência frente aos valores defendidos e às ações desencadeadas” (SCHWARTZ; BITTENCOURT, 2012, p. 11).

As características do bom professor giram em torno de atitudes de respeito, de domínio do conteúdo da matéria que leciona e do conhecimento amplo. Além disso, precisa ter o domínio dos saberes práticos da experiência e dos saberes pedagógicos e didáticos para escolher a melhor maneira para trabalhar cada conteúdo. Como há conteúdos que podem ser mais bem trabalhados com as ferramentas das novas Tecnologias da Informação e da Comunicação, é importante que o professor passe a dominar também os saberes tecnológicos relacionados à utilização do computador e da Internet.

Há vários autores que discutem a questão dos saberes e competências do professor. Tardiff (2012) apresenta uma discussão diferente daquilo que o presente estudo propõe, já que aponta o que seria as características de um professor ideal. O professor ideal é aquele que domina os saberes profissionais em todas as suas dimensões.

O professor ideal é alguém que deve conhecer sua matéria, sua disciplina e seu programa, além de possuir certos conhecimentos relativos às ciências da Educação e à pedagogia e desenvolver um saber prático baseado em sua experiência cotidiana com os alunos (TARDIF, 2012, p. 39).

Em um estudo das características do bom professor a partir do ponto de vista de alunos dos cursos de Licenciatura e de Bacharelado, o bom professor [...] gosta do que faz, tem paixão, relaciona-se com a turma, é interessado, tem domínio do conteúdo e sabe como transmiti-lo, acompanha o desenvolvimento de cada aluno, espera pelo aluno, instiga o aluno a participar, tem experiência prática, além de relacionar e contextualizar os assuntos (BARTNIK; MACHADO, 2008, p. 496).

A essa altura do estudo, nota-se a recorrência de características pessoais e profissionais presentes no bom professor universitário ao longo dos vários estudos sobre o tema. Das atitudes que os alunos mais valorizam no professor, chama a atenção a relação de respeito e de proximidade na relação interpessoal. O professor, que por tanto tempo se manteve distante do aluno, passa a sentir a necessidade de colocar-se mais acessível e afetivamente mais próximo deles.

Esses achados reforçam que a formação pedagógica, o domínio do conteúdo e as relações interpessoais são fundamentais para a adequada ação docente. As atitudes docentes de respeito aos limites, às potencialidades e contribuições de cada aluno também foram destacadas como essenciais. “Além disso, a experiência profissional aliada ao comprometimento do professor é enfatizada como fundamental para a aprendizagem do aluno” (BARTNIK; MACHADO, 2008, p. 496).

Os alunos ressaltam que têm mais facilidade para aprender com docentes que apresentam em sua prática os “aportes didático-metodológicos com ênfase na organização do professor ao apresentar os conteúdos, a proposição de problemas que instiguem os alunos à participação, bem como a capacidade de explicar o mesmo conteúdo de formas variadas” (BARTNIK; MACHADO, p. 493, 2008).

O conhecimento didático se manifesta como um indicativo do que significa ser um bom professor, aquele que sabe como ensinar e quais os procedimentos e recursos são mais adequados ao trabalho com cada conteúdo. Nem sempre está aliada a utilização de recursos, como multimídia. O mais importante é saber seduzir e prender a atenção do aluno, tornar a aula mais interessante com base em escolhas variadas e adequadas de técnicas e de recursos materiais. Para isso, é necessário conhecer técnicas variadas para atender objetivos diversos.

Se até o momento foram apontadas as características do bom professor, quais são as características marcantes na atuação de um mau professor? Para essa resposta, saltam

rapidamente à memória as características desse profissional, pois ele seria em maior número no cenário acadêmico que os bons professores.

Os alunos apontam como características de um mau professor “àquele que é rotineiro, desinteressado, não tem didática, não respeita e ouve o aluno, não contextualiza e relaciona os assuntos com a prática e com o trabalho, além de não possuir experiência.” (BARTNIK; MACHADO, 2008, p. 496).

O mau professor seria aquele mau humorado, distante, desorganizado, impuntual com os horários e tarefas, incoerente, que não domina o conteúdo e repetitivo.

O estudo de Azevedo, Freire, Machado (2013), buscou descobrir as representações sociais do bom professor universitário entre estudantes do curso de Licenciatura. A expressão bom professor estaria associada a quais características ou atributos? Descobriram que, nas representações dos alunos, esse docente seria “um profissional dedicado, responsável, organizado, assíduo, competente, experiente, ético, compreensivo, com sabedoria, didática, conhecimento e que respeita os alunos” (AZEVEDO; FREIRE; MACHADO, 2013, p. 311).

Comentando um pouco sobre tais qualidades, os autores ressaltam que a dedicação se revela por meio de atitudes respeitadas com os alunos e da preocupação com a qualidade das aulas. O professor dedicado seria também estudioso para manter-se sempre atualizado. A responsabilidade é evidenciada na assiduidade, na pontualidade e no cuidado com os materiais pedagógicos. Além disso, se o professor não é responsável, corre o risco de desmotivar o aluno.

Analisa-se que o bom professor seria também organizado e assíduo. Uma das formas pelas quais a organização se evidencia refere-se a como o professor planeja as aulas. Sem planejamento, não é possível fazer um bom trabalho. Quanto à assiduidade, um professor sem essa característica revela-se não dedicado e irresponsável, por isso perde o respeito e a simpatia dos alunos.

Características relacionadas à compreensão e ao ser flexível não significam que o professor deve ser bonzinho ou paternalista. Ao contrário, nas representações sociais, o bom professor pode ser exigente, mas da mesma forma em que o é consigo mesmo. A reciprocidade faz parte da relação respeitosa.

Para os estudantes, o bom professor deve apresentar atitudes compreensivas, mas no sentido de levar em consideração que existem fatores que dificultam o aprendizado dos

alunos. Embora a compreensão favoreça uma relação mais próxima, isso não exclui a exigência no processo de ensino-aprendizagem. Os acadêmicos avaliam que o professor deve cobrar dos alunos, sim, mas que seja coerente, ou seja, cobrar na mesma proporção em que é dedicado. A coerência é uma atitude extremamente valorizada pelos alunos, analisa Azevedo, Freire, Machado (2013).

Cunha (1995) encontrou esse mesmo dado em seu estudo. Os alunos não apontam como melhores professores os chamados bonzinhos. Ao contrário, valorizam o professor que é exigente e cobra a participação do aluno, demonstrando que uma boa relação não precisa ser paternalista. O aluno não quer um professor bonzinho; ele quer um professor competente.

O bom professor deve trabalhar com diversos pontos de vista sobre o conhecimento e respeitar as opiniões dos alunos, “valorizando as experiências pessoais que eles trazem para a discussão em sala de aula” (AZEVEDO; FREIRE; MACHADO, 2013, p. 325).

Além disso, o bom professor também é competente, principalmente no domínio dos conteúdos, no dinamismo em sala de aula, na pontualidade e na experiência. Nas representações sociais dos alunos, os professores que têm experiência são os mais competentes. Quanto ao dinamismo, “ressaltaram que os assuntos podem ser mais bem compreendidos com aulas mais dinâmicas, atrativas. Aulas muito expositivas desmotivam os alunos” (AZEVEDO; FREIRE; MACHADO, 2013, p. 329).

Uma das questões principais do estudo de Cunha (1995) refere-se à indagação de fatores influentes na maneira de ser do bom professor. O que contribuiu de maneira mais decisiva para a formação de sua competência?

A influência de atitudes positivas de ex-professores é lembrada pela maioria dos participantes da pesquisa de Cunha (1995). Eles declaram que sua atuação docente tem relação com a prática pedagógica positiva vivenciada com ex-mestres. Apontam como principais influências “aspectos relacionados ao domínio do conhecimento, organização metodológica da aula e relações democráticas com os alunos. Há ainda exemplos marcantes no sentido de honestidade e amor à profissão” (CUNHA, 1995, p. 90).

Da mesma forma que fatores positivos marcaram a formação dos professores, há referências significativas de práticas de professores que marcaram negativamente, funcionando como uma espécie de contra exemplo ou antiprofessor. “A lição que levam a

prática pedagógica é a de não repetir com seus alunos aquilo que rejeitavam nos seus mestres” (CUNHA, 1995, p.91).

Há referências de processos de identificação e de contraidentificação de alunos e de professores dizendo que gostariam de ser (ou não) como alguns de seus mestres.

Neste sentido, pode-se dizer que a imagem que alunos e professores fazem do que seja ser um bom professor passa por suas próprias experiências enquanto alunos. Muitas vezes, este ideal de profissional está estreitamente vinculado a bons e maus professores que passaram por suas experiências escolares (SCHWARTZ; BITTENCOURT, 2012, p. 8).

Também vale ressaltar o quanto se aprende pela prática do cotidiano e pela influência de colegas professores. Cunha (1995) observa que há um peso significativo na experiência como a grande fonte de aprendizagem. É na prática da docência e na reflexão desse fazer que se aprende a ser professor. Nesse processo, a intervenção do aluno tem um peso significativo à medida que avalia a didática e a prática do professor.

A intervenção do aluno funciona como um *feedback* da ação do professor, apontando falhas e acertos no processo ensino-aprendizagem. Por isso é importante para o bom professor dar voz ao alunado e incentivar para que participem do processo de construção do conhecimento.

A influência da formação pedagógica se apresentou de forma confusa. Nem todos os bons professores do estudo de Cunha (1995) e de Pimentel (1996) realizaram cursos sistemáticos na área de Educação. A (boa) prática nesse caso provém da própria experiência, do fazer do outro bem-sucedido, seja um colega ou um professor que o marcou na sua formação e lhe serviu como modelo.

Só para constar, há vários estudos que discutem sobre a formação pedagógica precária do professor de Ensino Superior no Brasil, já que a legislação atual não exige que os professores de instituições de Ensino Superior tenham formação pedagógica. Basta que tenham a titulação correspondente à Pós-Graduação (*stricto sensu*, de preferência).

A convivência com pesquisadores e com profissionais de destacada competência no campo específico também parece influenciar o desempenho docente, vez que “os professores tendem a repetir práticas de pessoas que admiram” (CUNHA, 1995, P. 95).

Independentemente dos caminhos que os levaram ao magistério, todos os bons professores foram unânimes em afirmar que gostam do que fazem, gostam de ensinar e apreciam muito o contato com os alunos. Essa relação positiva leva os professores a

reconhecerem que aprendem muito com os alunos, tanto no sentido do conhecimento quanto no aprimoramento das relações interpessoais. Parece que “a experiência positiva com a docência realimenta o gosto pelo ensino” (CUNHA, 1995, p. 107).

O domínio do conteúdo e a relação afetiva que se dá entre o docente e sua matéria de ensino está presente entre os bons professores no estudo de Cunha (1995). Eles gostam verdadeiramente da matéria que lecionam e se preocupam em aprimorar seu conhecimento. Para trabalhar bem a matéria de ensino, o professor tem de ter profundo conhecimento do que se propõe a ensinar. Por isso, os bons professores são profundamente estudiosos, inclusive quando se preparam para as aulas.

Cunha (1995) assevera que outra característica que destaca o fazer do bom professor é que ele tem uma grande preocupação em aproximar teoria e prática. O mais usual é partir da prática para chegar à teoria. Para isso, podem utilizar a experiência pessoal do aluno para dar ancoragem ao conhecimento sistematizado. Ou partir da própria prática profissional, com a utilização de exemplos. Os professores compreendem que tudo que é próximo e real para o aluno tem significado maior.

O bom professor é aquele que sabe ensinar, que saber fazer aprender. E, para isso, utiliza as mais variadas estratégias. Uma das mais significativas é partir do conhecimento que o aluno traz da sua prática cotidiana para ensinar um novo conhecimento. O ensino não se dá no vazio, mas a partir de alunos reais que têm sua bagagem de conhecimentos. O bom professor consegue tirar proveito disso e fazer com que avancem de um conhecimento prático para um saber sistematizado.

Segundo Cunha (1995), o bom professor encaminha sua prática pedagógica no sentido de que o aluno aja intelectualmente frente os conteúdos. Trabalham na perspectiva de que o conhecimento possa ser criado e recriado pelos estudantes e pelos professores na sala de aula. Rejeitam a visão mecanicista de transmissão do conhecimento pronto e acabado. Incentivam o pensamento crítico e divergente dos alunos.

O bom professor concebe o conhecimento como resultado de uma construção conjunta, em uma relação de parceria e cumplicidade com os acadêmicos. Procura afastar de sua prática o modelo de ensino em que aquele que sabe, ensina para aqueles que não sabem.

Cunha (1995) relata que o procedimento que se destaca na prática pedagógica do bom professor é a exposição oral do conteúdo, mas com a preocupação de que os alunos

participem de forma dialógica. Para isso, fazem perguntas oportunas e aproveitam as respostas dos alunos para dar continuidade à aula. Além disso, incentivam para que os alunos também perguntem. Diferem dos moldes clássicos da aula expositiva vez que buscam a participação dialogada com os alunos.

O *modus operandi* da rotina pedagógica está basicamente organizado com base na fala do professor, como a principal fonte da informação sistematizada. Como ele tende a repetir comportamentos que considerou positivos nos seus ex-professores, tudo indica que foi assim que eles aprenderam a ensinar, já que não apresentam formação pedagógica sistematizada, relaciona o autor.

Cunha (1995) afirma que os professores participantes de sua pesquisa parecem ter um certo sentimento de culpa se não são eles que estão em ação. Por outro lado, os estudantes, de acordo com estudos feitos, estão condicionados a ter um tipo de expectativa em relação ao professor. Em geral, "ela se encaminha para que o professor fale, 'dê aula', enquanto ele, o aluno, escuta e intervém quando acha necessário. O fato de se achar na condição de ouvinte é confortável ao aluno, especialmente se o professor possui habilidades de ensino que fazem com que a aula não se torne maçante" (CUNHA, 1995, p.136).

Entre as habilidades observadas na prática do bom professor no Ensino Superior, Cunha (1995) destaca aquelas relacionadas com a organização da aula. Logo de início, os bons professores apresentam o roteiro da aula, o objetivo do estudo que vão realizar e localizam historicamente o conteúdo. Entendem que, se os alunos estiverem conscientes do objeto de estudo, estarão mais motivados. No final do estudo, fazem referência a materiais de consulta, a obras e autores que possam aprofundar aquele conhecimento.

Conforme Cunha (1995), o bom professor frequentemente usa palavras de reforço positivo frente às respostas dos alunos, como forma de incentivar sua participação e de demonstrar sua crença na capacidade do aluno. Preocupam-se com o aspecto da clareza nas explicações. Para isso, empenham-se em utilizar um tom de voz audível, com pausas e entonações variadas que deem significado ao discurso. Além disso, tentam apreender a linguagem dos alunos para tornar a sua linguagem acadêmica mais acessível.

Outra habilidade observada no bom professor refere-se à movimentação que faz no espaço de ensino. "Quando o professor chega perto do aluno, quando o chama pelo próprio nome, há uma interação que faz o aluno se sentir sujeito do ato de aprender. Isto o anima a

interferir no conhecimento, ainda mais quando o professor usa palavras de incentivo à participação” (CUNHA, 1995, P. 145).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo do presente estudo foi tentar reunir as características do que seria um bom professor. O estudo do conceito de bom professor se deu sob várias perspectivas, não só do ponto de vista do aluno. A proposta era verificar a recorrência dos atributos a partir de vários estudos para apreender a essência ou aquilo que identifica e destaca o bom professor dos demais.

A partir do estudo é possível inferir que o bom professor no Ensino Superior não apresenta nenhuma característica diferente daquelas anunciadas nos Manuais de Didática. Não demonstra nenhuma habilidade que pudesse ser classificada como excepcional ou inovadora. Também não apresenta características ou procedimentos que, isoladamente, pudessem responder como aquilo que distingue o bom professor dos outros.

O que acontece na prática docente do bom professor é a presença de algumas habilidades e procedimentos que, em conjunto, fazem dele um profissional bem conceituado entre os alunos e geram uma relação de empatia e respeito entre as partes. Atitudes positivas geram atitudes positivas e realimentam o processo ensino-aprendizagem de qualidade.

Se tivesse que citar esta ou aquela característica que o bom professor tem, não seria prudente. No entanto, há qualidades e atributos que se consegue ver repetidos nos vários estudos realizados. Características como bom humor, respeito e empatia em relação aos alunos, gostar do que faz, ter bom domínio do conteúdo que leciona, procurar inovar as aulas. Esses achados reforçam que o conhecimento didático, o domínio do conteúdo e as relações interpessoais são fundamentais para a adequada ação docente.

REFERÊNCIAS:

AZEVEDO, M. F.; S. B., FREIRE; MACAHDO, L. B. O “bom” professor universitário nas representações sociais de estudantes de pedagogia. **Roteiro**, Joaçaba, v. 38, n. 2, jul./dez. 2013. p. 311-336.

BARTNIK, H. L. S.; MACHADO, I. M. C. A formação pedagógica do professor universitário. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO – EDUCERE, 8; Cadernos da Fucamp, v.14, n.15, p.133-148/2015

CONGRESSO IBERO – AMERICANO SOBRE VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS – CIAVE, 3, 2008, Curitiba. **Anais do VIII Congresso Nacional de Educação – EDUCERE; III Congresso Ibero – Americano sobre violência nas escolas – CIAVE**. Curitiba, PR: Champagnat, 2007. p. 487-497. Disponível em: <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/141_339.pdf>. Acesso em: 03 maio 2014.

CONNELL, R. Bons professores em um terreno perigoso: rumo a uma nova visão da qualidade e do profissionalismo. Traduzido por Carlos Malferrari. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 36, n. especial, 2010. p. 165-184.

CUNHA, M. I. **O bom professor e sua prática**. 5. ed. Campinas, SP: Papirus, 1995. 182 p. (Coleção Magistério Formação e Trabalho Pedagógico).
PIMENTEL, M. G. **O professor em construção**. 3. ed. Campinas, SP: Papirus, 1996. 95 p. (Coleção Magistério: formação e trabalho pedagógico).

RAMOS, S. **Tecnologias da Informação e da Comunicação: Conceitos Básicos**. Outubro de 2008. Disponível em: <http://livre.fornece.info/media/download_gallery/recursos/conceitos_basicos/TIC-Conceitos_Basicos_SR_Out_2008.pdf>. Acesso em 20 dez. 2014.

SACRISTÁN, J. G. Consciência e ação sobre a prática como libertação profissional dos professores. In: NÓVOA, A. (Org.). **Profissão professor**. 2. ed. Porto: Porto Editora, 2014. p. 63-92 (Coleção Ciências da Educação).

SCHWARTZ, S.; BITTENCOURT, Z. A. Quem é o “Bom Professor” Universitário? Estudantes e professores de cursos de Licenciatura em pedagogia dizem quais são as (ideais) qualidades deste profissional. In: ANPED SUL – SEMINÁRIO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA REGIÃO SUL, 9, 2012, Caxias do Sul. **Anais IX ANPED SUL – Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul**. Caxias do Sul, 2012. p. 1-13.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. 14 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. 325 p.

VENTURA, M. C. A. A. *et al.* O “bom professor” – opinião dos estudantes. **Revista de Enfermagem Referência**, Coimbra, III Série, n. 5, dez. 2011. p. 95-102.

ZABALZA, M. Á. **O ensino universitário: seu cenário e seus protagonistas**. Porto Alegre: ARTMED, 2004.